

nistro, sem prejuizo de qualquer procedimento ulterior que haja de tomar se.

Paços do Governo da Republica, em 14 de março de 1911.—O Ministro das Finanças, *José Relvas*.

Hei por bem demittir Luis Augusto Perestrello de Vasconcellos do cargo de director geral da extincta Direcção Geral da Thezouraria, sem prejuizo de qualquer procedimento ulterior que haja de tomar-se.

Paços do Governo da Republica, em 14 de março de 1911.—O Ministro das Finanças, *José Relvas*.

Por despacho de 15 do corrente:

Concedidos trinta dias de licença, para se tratar fora de Lisboa, ao amanuense do quadro da Direcção Geral da Contabilidade Publica, João Maria Valente de Mascarenhas.

Ministerio das Finanças, Secretaria Geral, em 15 de março de 1911.—O Secretario Geral, *Innocencio Camacho Rodrigues*.

Attendendo á conveniencia de se esclarecer a pauta das alfandegas por meio de notas explicativas: manda o Governo Provisorio da Republica Portuguesa, pelo Ministro das Finanças, que se proceda á confecção d'essas notas, sendo d'ella incumbida uma commissão composta dos seguintes individuos: Manuel dos Santos, Antonio Manuel Paula, Joaquim de Lima e Cunha, Karl von Bonhorst, João José Dinis, Henrique Syder, Antonio Bello Junior, Ramiro Leão, Elísio dos Santos, Miguel Henrique dos Santos, Felix Fernandes Torres, José Ferreira Gonçalves e Vergilio Igreja.

Paços do Governo da Republica, em 15 de março de 1911.—O Ministro das Finanças, *José Relvas*.

Documentos referentes á syndicança á Casa da Moeda e Papel Sellado

Appendice n.º 4 (continuação)

5 de novembro de 1893.—Meu querido amigo.—Recebi hontem a sua carta, que vinha demonstrando o seu excellente humor, que a perspectiva da proxima viagem mais tem afinado. Acredite que lhe tenho inveja!

Não posso aceitar o convite de ser o terceiro nessa famosa romaria que vão emprender; esses luxos só os podem ter os ricos ou comissionados do Governo.

Eu desgraçadamente não sou nem uma nem outra cousa! Se o Cunha fosse realmente meu amigo tinha imposto a obrigação de levar um secretario com 10 libras por dia!

Ainda com este preço me havia de custar a ir; não era por causa da companhia, que era deslumbrante, mas pelos meus affazeres que immenso me prendem.

Olhe, o dia de hontem passei-o a tratar de arranjar e discutir o preço de uns porcos para o meu montado!

Veja se ha alguma cousa mais prosaica? O que diz o nosso director de Politica? Elle está tão mal commigo que nem ainda me escreveu duas linhas!

Pedimos os nossos respeitos para toda a sua Ex.^{ma} Familia e lembre-me affectuosamente ao nosso bom amigo Augusto Cunha.

Mil felicidades a todos.

Abraça-o muito o seu dedicado e sincero amigo—*J. Izidro dos Reis*.

6 de novembro de 1893.—Meu querido amigo.—Acabo de receber a sua carta que muito me alegrou e á qual passo a responder.

Não me admira que continue a maldita albuminuria; a quadra do anno em que estamos favorece muito a conservação d'esse demonio. Felizmente—e é muito—desappareceu a doença aguda; querendo Deus, o mesmo succederá aos antigos achaques.

Tenho a certeza de que se desempenhará excellentemente da honrosa commissão de que se acha incumbido e prestará mais um valiosissimo serviço ao nosso Cunha; não podem, porem, demorar-se tão pouco como calculam.

Só para o fim de dezembro aqui poderão estar, e esta supposição leva-me a fazer-lhe uma pergunta:

Seria possivel descontar no 1.º de dezembro, por quinze dias, uma letra de 3:400\$000 réis no Banco Commercial? A razão é a seguinte: no 1.º de dezembro vence-se uma letra minha d'aquella importancia no Lisboa & Açores e não estando cá V. terei de pedir a reforma, o que me apouca e diminue o credito naquella casa.

Eu só precisava do dinheiro por quinze dias, ou menos ainda, porque logo depois posso sacar novamente, e isto ora bem mais bonito que pedir uma reforma, o que graças ao Casimiro Lima nunca ali pedi!

Devo receber antes a expropriação, mas se o Bernardino Machado me não despacha antes d'isso? Essa é a questão!

Se o meu bom amigo tivesse tempo de me recomendar no Commercial, primeiro que partisse, era excellentes. Calculo que não terão nisso duvida, attendendo a ser curtiissimo o prazo e á sua recommendação.

Este expediente era bem preferivel.

No sabbado, o mais tardar, á dez da manhã, ou antes, estarei na Casa da Moeda, e á noite irei á estação ao *buta fora*; não o deixaria, de modo algum, partir sem o abraçar e ao Cunha. São dois amigos a valer, cada um no seu genero, mas ambos insubstituiveis!

Esta é a verdade.

Abraça-o muito o seu—*J. Izidro dos Reis*.

8 de dezembro de 1893.—Meu querido amigo.—Agradeço-lhe infinitamente penhorado a sua carta e a sua franqueza; devo pedir-lhe, porem, que cumpra o que *uma vez* me disse, quando levantar os meus depositos. V. dará o juro que os Bancos me davam.

No seu regresso, pois, exigirei essa liquidção que é absolutamente indispensavel. Antes de 15 de dezembro terei pago o 1:400\$000 réis sem sombra de uma hesitação.

Se quiser dinheiro em Paris, ou em qualquer outra parte do estrangeiro, arranjo-lh'o immediatamente; estando lá, mande telegramma, e será satisfeito.

Se quiser arranjar-lhe uma carta de credito, da quantia que quiser e V. leva-a commigo. Isso é-me bem mais facil que arranjar qualquer somma em Lisboa.

Fale sem hesitações. Na sexta á noite estarei ahí e no sabbado irei, antes das 10 da manhã, á Casa da Moeda; pelo Pereira de Miranda ou pelo Bensaude é-me facilimo dar-lhe qualquer carta de credito—repito isto mais uma vez.

Tenho andado triste estes dias, mas não me falta a coragem, porque tenho amigos e nenhum superior ao Casimiro Lima.

Abraça-o muito o seu dedicadissimo—*J. Izidro dos Reis*.

8 de janeiro de 1894.—Meu querido Lima.—Tencionava ir de manhã vê-lo, mas tenho que ir ao Patriarcha e ao Conde da Redinha e ao Credito Predial estar com o José Luciano; ás 4 e meia vou a sua casa abraçá-lo, visto que não posso ir antes.

Diga ao nosso querido director que me desculpe também de hoje não poder ir á Casa da Moeda, o que espero fazer amanhã.

Até logo, meu querido amigo. Abraça-o muito o seu muito dedicado—*J. Izidro dos Reis*.

P. S.—Tinha esta carta dentro de um envelope para lh'a mandar, quando me veio ás mãos a que acabo de receber; mandei chamar o portador, mas já se fôra!

Hoje estou á sua disposição para tudo o que quiser, porque as suas ordens causam-me sempre muito prazer.

Saio também no dia 11, mas no dia 13 estarei em Lisboa; se V. quiser leve logo para casa as letras cheias, que eu e minha mulher ainda hoje assinamos e lh'as entrego á noite.

Este dinheiro constitue um deposito sagrado, e no meio das minhas afflictões tomara já fazer um negocio de vulto para lhe satisfazer a maior parte. Espero que antes da primavera o terei realizado, porque essa é a maior preocupação que tenho: de todo o dinheiro que V. tem levantado, a que hontem alludiu, eu pagarei os respectivos juros. Sem falta, até logo.

Seu muito dedicado amigo—*J. Izidro dos Reis*.

9 de fevereiro de 1894.—Meu caro Lima.—Hoje sinto-me um pouco melhor, mas passei um dia e uma noite também pessimos. Usei um novo emplasto maior que o primeiro e no mesmo sitio, e já começo a sentir os beneficios effectos.

Meu irmão foi comprar as letras, que ainda hoje enchei e é mais tarde amanhã terá em seu poder.

Imagino os seus compromissos e calculo a enorme differença que lhe tem feito as quantias que tenho em meu poder; isto também me faz mal a mim!

Emquanto não vender a cortiça, não posso ter um dia completamente feliz!

Creia isso. Não gosto de ser pesado a ninguem e muito menos a um amigo que considero como um irmão.

Logo que a primavera começa tenho as mais fundadas esperanças que poderei fazer o meu negocio é embolsá-lo de grande parte do meu debito. Então V. verá que sou outro homem! Estou envelhecendo por cada dia de demora!

Havemos de fazer uma conta de juros—o que é absolutamente indispensavel.

Abraça-o o seu muito amigo—*J. Izidro dos Reis*.

27 de fevereiro de 1894.—Meu querido amigo.—Estou inquietissimo pela falta de noticias suas; peço-lhe que me diga se a Christina está peor, o que peço a Deus não succeda, ou se ao meu bom amigo succedeu mais alguma cousa, que lhe desse cuidado. Ando sempre preocupado com tudo o que lhe diz respeito; a sua vida e a minha não me deixam passar nem as noites, nem os dias bem! É um inferno!

Isto ha de mudar, mas enquanto não muda, é um martyrio!

Escreva, pois, na volta do correio, para quanto é possivel ficar mais socegado, e tomara já que a tempestade que sobre as nossas cabeças anda, de todo desappareça!

Abraça-o muito e muito, o seu dedicado—*J. Izidro dos Reis*.

8 de março de 1894.—Meu querido Lima.—Vim hontem vê-lo ás 3 horas. Já V. tinha saído. Chego agora aqui ás 11 e meia e tenho o mesmo resultado!

Querida abraçá-lo e dizer-lhe que tratei hontem em casa do José Luciano, com o Ressano Garcia, da minha grande questão e que o Ressano se comprometteu commigo da *melhor vontade*.

Tenho, portanto, por mim o futuro presidente e o futuro Ministro da Fazenda; é pois negocio feito.

O Pereira de Miranda tratou também com o meu chefe

do nosso director, e teve o mesmo successo. Espero em Deus que tudo seja resolvido em breve prazo.

Até amanhã.

Não espero senão até o meio dia, porque me procura nos Proprios Nacionaes um dos maiores influentes do meu circulo.

Abraça-o muito e muito o seu muito amigo e obrigado.—*J. Izidro dos Reis*.

20 de março de 1894.—Meu querido Lima.—São 11 1/4 e vim procurá-lo; não me posso, porem, demorar porque tenho de ir representar a Companhia dos Tabacos no sorteio de obrigações, na Direcção Geral da Thezouraria.

Recebi a sua carta, e tem razão, mas, como sabe, tenho gasto mais de 400\$000 réis em ferias, por semana, e ainda não consegui levantar o dinheiro da expropriação de que só recebi por adiantamento 2:500\$000 réis, isto corre pela mão de seu genero, é-lhe pois facil de verificar.

Se me pode servir amanhã, muito bem, e receberá esta cifra *sem diminuição de um real* no dia que me designar. Repito, se quiser peço o que for preciso ao nosso querido director.

Não podendo ser, paciencia, queira então prevenir-me para queimar o *ultimo cartucho*. Estarei no Ministerio até ás 4 horas.

Se o Carlos Silva conhecer algum negociante de cortiça, ou se quiser incumbir-se de negociar a minha mediante uma compensação, estamos prontos, eu e minha mulher, a passarmos-lhe uma procuração ampla.

Graças a Deus, ainda podemos dar ao nosso querido Lima todas as garantias, porque o seu credito, muitas vezes o temos dito, é sagrado.

Diga ao nosso Cunha, que o espero, sem falta, hoje em casa do José Luciano.

Abraça-o muito e muito o seu—*J. Izidro dos Reis*.

21 de abril de 1894.—Meu querido Lima.—Escrevi-lhe em seguida á sua carta, e volto já a escrever-lhe depois de ter passado mais uma noite sem dormir.

Tenho uma casa em adeantada construcção, em Bellas, e uma quinta que deve ser em pouco tempo de bastante rendimento; não contando a verba madeiras, que é muito importante, e eram minhas, está aquelle predio em mais de 8:000\$000 réis, tendo em meu poder, devidamente documentadas, todas essas despesas, sem faltar uma só folha. Fica aquella propriedade sendo uma bella habitação para uma grande familia, a meia hora de Lisboa, e com muitos comboios, quasi a todas as horas: peço-lhe que fique com ella, só pelo que despendi, não fazendo conta a tudo que era meu, e não entra em conta. Sua familia ha de ali dar-se bem, e não gastará mais para completar a casa, de 1:000\$000 réis a 1:300\$000 réis: e fica, repito, com uma bella vivenda que eu destinava para mim e os meus residirmos, mas que fico satisfeitissimo em passar para o seu poder. Faz-se escritura de venda immediatamente se quiser.

Escrevi já ao Dr. José Maria de Andrade, juiz da Relação e grande proprietario de cortiça, pedindo-lhe para ir á casa Buknal, e lhe propor a venda da minha cortiça; recebendo já 4:500\$000 réis, para o anno outro tanto e o resto na occasião da tirada.

Pedia 980 réis cada 15 kilogrammas, mais baixo a 950 réis; tenho esperanças que alguma cousa se fará por intermedio d'aquelle meu amigo.

Se a infelicidade fosse tanta que não possa chegar a negociar com o Buknal, o maior colosso de dinheiro entre os negociantes de cortiça, então podiamos entre nós dois fazer uma escritura hypothecando-lhe ao resto da minha divida o valor d'essa cortiça, e em um anno, seria ella vendida em condições bem mais favoraveis. É claro que se contava o juro que V. quisesse nestes contratos.

Entristece-me muito vê-lo que a minha divida lhe está fazendo muita falta, e eu não quero causar-lhe qualquer prejuizo, por insignificante que seja, prefiro transtornar a minha vida a causar-lhe qualquer dissabor, como é dever meu.

Feitos estes contratos só lhe pedirei uma vez ou outra um adiantamento por dias, oito ou dez, para algum vencimento de letra, e isso mesmo espero que seja por pouco tempo: como sabe tenho duas letras no Banco Lisboa & Açores, uma das quaes se vence ainda este mês mas não sei quando, porque não tenho andado com cabeça para isso.

Repito que estes mesmos pedidos lh'os farei, por pouco tempo, porque o nosso amigo Augusto José da Cunha já foi falar ao Julio Pires em eu levantar o dinheiro de que carecesse, no Banco de Portugal; não o levanto já, por causa de duas letras (na importancia de 400\$000 réis, que eram do Banco Lusitano, e meu irmão lá devia, primitivamente tinham sido de 4:000\$000 réis), e que combinou se pagassem primeiro no vencimento em maio.

Feito isto, tenho no Banco de Portugal o credito preciso, como lhe dirá o nosso Cunha, como o meu amigo vê, apesar das minhas preocupações, de profunda tristeza em que ando, e das patifarias que me fazem, não me esqueço de si. Não lhe tinha contado das diligencias em que andava junto do Banco de Portugal, porque lhe queria causar essa agradavel surpresa, o nosso director lhe poderá certificar tudo isto, porque foi pessoalmente falar ao Julio Pires.

Acredite o meu caro amigo que uma das minhas graves preocupações é o seu credito, e se tivesse que substituir o Cunha não me sentia bem, enquanto fosse seu vedor; perdoe-me o meu amigo dizer-lhe isto, mas para